

Viagem pela obra literária dinisiana: Visita ao Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense

Journey to the literary work of Júlio Dinis: Visit to the Júlio Dinis Museum – An Ovar House

ANA SILVA * [anabssilva@gmail.com]

Resumo | O presente artigo pretende evidenciar a relação entre turismo e literatura, nomeadamente, o contributo das visitas a casas de autores. A escolha recaiu sobre o Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense, que, para além de homenagear o escritor Júlio Dinis, valorizando a sua passagem por Ovar, onde se inspirou para a redação de parte da sua obra, preserva a estrutura da arquitetura vareira do século XIX. Assim, partindo do pressuposto literário – conhecer o escritor e a sua obra –, é possível descobrir uma nova atração turística, tratando-se de um espaço que conjuga diversas vertentes: científica, estética, cultural e económica.

Palavras-chave | Turismo literário, casa-museu, Júlio Dinis

Abstract | This article aims to highlight the relationship between tourism and literature, namely, the contribution of visits to the author's houses. The choice fell on the Júlio Dinis Museum – An Ovar House, which, in addition to honoring the writer Júlio Dinis, valuing his passage through Ovar, where he was inspired to write part of his work, preserves the structure of the nineteenth century's architecture. Thus, starting from the literary presupposition – knowing the writer and his work –, it is possible to discover a new tourist attraction, being a space which combines several aspects: scientific, aesthetic, cultural and economic.

Keywords | Literary tourism, museum-house, Júlio Dinis

* **Doutora** em Literatura pela Universidade de Évora e membro colaborador do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora (CEL-UÉ).

1. Introdução

Difundido progressivamente, o turismo constitui um dos fenómenos mais dinâmicos da contemporaneidade. Resultante de um crescimento significativo, o mesmo surge como impulsionador de mudança e desenvolvimento, tornando-se relevante olhar a relação existente entre o turismo e outras modalidades, como é o caso do turismo literário, definido por Butler como

a form of tourism in which the primary motivations for visiting specific locations is related to an interest in literature. This may include visiting past and present homes of authors (living and dead), real and mythical places described in literature, and locations affiliated with characters and events in literature (2000, p. 360).

Ainda pouco explorada, esta tipologia revela acentuada importância, quer para a área da literatura, dada a revalorização de obras e respetivos autores, quer para a área do turismo, devido ao acréscimo de atratividade e ao aumento de lucros, advenientes da passagem e/ou permanência dos visitantes em determinados locais.

Com efeito, hoje em dia, as motivações do turista literário centram-se no conhecimento e na (re)descoberta de espaços de saber, de inspiração e de escrita, visando a vivência de acontecimentos singulares, que traduzem a inter-relação entre turismo e literatura e que consubstanciam experiências turísticas diversificadas.

Na verdade, a interseção destas duas áreas pode

contribuir não só para a melhoria dos impactos económicos do Turismo nas regiões visitadas, mas também para uma mais ampla divulgação do património [material e] imaterial de uma região (Carvalho & Baptista, 2015, p. 56).

Efetivamente, proporcionando ao turista uma experiência intercultural enriquecedora, o turismo literário contribui para a valorização de um património revelado e reconhecido, não só pelos textos literários, mas também pela relação da escrita com o espaço real, potenciando a visita a locais intimamente relacionados com as vivências e com a criação literária dos autores, reforçando, por conseguinte, a importância cultural da região. Como tal, o motivo da viagem, a realizar por parte do turista literário, está associado a características particulares, que conferem um valor especial ao lugar, como, por exemplo, o facto de poder ler ou re-ler um determinado livro enquanto se viaja pelos locais onde decorrem as narrativas ou que serviram de inspiração para a redação de determinadas obras.

Neste sentido, explorando a interação entre espaços e escrita, o turista literário procura saber como os lugares inspiram e influenciam os escritores, ao mesmo tempo que procura a forma como essa escrita tem sido capaz de criar, a partir do universo literário pessoal de um autor, um destino turisticamente atraente.

2. As casas-museu como atração turístico-literária

Ler implica viajar e conhecer. Por conseguinte, o livro surge como parte integrante da cultura, pelo que o fascínio pelo espaço, relacionado com a geografia dos escritores, tem levado muitos leitores a visitarem o local de nascimento, os locais que inspiraram a redação de poemas e de romances ou a casa onde o autor habitou.

De facto, a visita a casas de autores permite a descoberta da sua herança literária, a sua personalidade, os seus hábitos, a correspondência enviada e recebida ao longo da sua vida, os seus objetos pessoais, pelo que conhecer estas casas é muito mais do que apenas cruzar o limiar de uma porta.

É descobrir o seu universo pessoal e criativo, sendo que algumas dessas residências foram transformadas em museus e permitem hoje mostrar ao público o lado íntimo dos seus antigos habitantes, através de um itinerário traçado a partir dos espaços que lhes são dedicados.

Assim, aliado ao turismo literário, surge o conceito de casa-museu, definida como uma instituição ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que conserva, difunde e expõe um acervo significativo, relacionado com a vida e a obra do seu habitante:

As casas-museu [...] são edifícios que foram destinados prioritariamente à habitação e que, devido ao valor histórico atribuído, a sociedade civil ou o Estado decidiram patrimonializar, conservando-os ou restaurando-os, e dando-lhes um novo fim como museu (Guimarães & Paz, 2014, pp. 81-82).

Estimulando a aproximação entre escritores e leitores, as visitas a casas de autores constituem, deste modo, viagens que transformam o leitor-turista em turista-leitor e promovem a valorização da produção literária e do seu autor, assim como a preservação do património cultural e turístico, não apenas como reconhecimento do passado, mas como forma de lidar com a identidade, a autenticidade e a tradição: “O património representa, para a sociedade actual, uma verdadeira necessidade” (Silva, 2000, p. 220).

Com a proliferação do turismo literário, as casas-museu tornam-se ícones literários e turísticos ao relacionarem a vida do autor com os lugares vinculados à sua biografia, como sucede com o Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense, onde o escritor Júlio Dinis habitou durante alguns meses.

3. Biobibliografia de Júlio Dinis

Júlio Dinis, pseudónimo literário de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, nasce, em 1839, no Porto, falecendo, na mesma cidade, em 1871.

Filho do médico José Joaquim Gomes Coelho (1802-1885), natural de Ovar, e de Ana Constança Potter Pereira Lopes (1801-1845), natural do Porto, mas de ascendência britânica, Júlio Dinis, após a conclusão do curso do Liceu, ingressa, em 1853, na Academia Politécnica do Porto e, em 1856, na Escola Médico Cirúrgica da mesma cidade.

Em 1861, forma-se em Medicina, com a tese acerca da influência do clima sobre os indivíduos, dissertando sobre os efeitos que o mesmo provoca relativamente à tísica pulmonar, que afeta o próprio escritor e a família.

Quatro anos depois, Júlio Dinis é nomeado demonstrador da Escola Médico Cirúrgica, tornando-se, em 1867, lente da secção médica; acumula as funções de secretário e de bibliotecário desta escola, assim como de diretor do observatório de meteorologia. Todavia, a sua débil saúde não o deixa prosseguir a carreira médica, dedicando-se à literatura.

Desde cedo, revela aptidão para a escrita, sendo que as primeiras composições são redigidas aos onze anos. Mais tarde, sob o pseudónimo Diana de Aveleda, começa a escrever artigos sobre a educação feminina.

Em 1863, Diana de Aveleda publica, no Jornal do Porto, o primeiro folhetim, intitulado *Coisas Verdadeiras* e, um ano depois, a *Carta ao Redactor do “Jornal do Porto” acerca de Várias Coisas*; em 1864 e no ano seguinte, publica *Impressões do Campo a Cecília*, a destinatária dos folhetins onde exalta a vida no campo.

Não obstante a brevidade da sua vida (o autor vive apenas trinta e um anos), Júlio Dinis consegue impor-se como escritor, cuja obra abrange os diferentes modos literários: o modo lírico, expresso nos poemas, publicados, primeiramente, na

revista *A Grinalda* (a mais famosa revista de poesia do seu tempo) e, posteriormente, compilados no volume *Poesia* (1874); o modo dramático com a produção de dramas e comédias sobre costumes portugueses, divulgados no volume *Teatro Inédito* (1946-1947); o modo narrativo, representado pelas novelas / contos, publicados sob o título *Serões da Província* (1870) e, especialmente, pelos romances com os quais se evidencia, construindo uma “notável carreira literária” (Alvarenga, s/d, p. V).

De facto, os romances dinisianos – *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867), *Uma Família Inglesa* (1868), *A Morgadinha dos Canaviais* (1868) e *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1871) – constituem obra inovadora no universo da literatura portuguesa, concedendo ao escritor um acentuado êxito, resultante, não só do encadeamento coerente dos episódios, da autenticidade das personagens, da contemporaneidade epocal e geográfica, mas também da técnica consistente de construção romanesca, fundamentada na concisão e na naturalidade da linguagem. Por outro lado e, ao contrário da maioria das obras dos autores do século XIX, que representam o amor impossível ou arrebatador, a obra de Júlio Dinis representa o paradigma do amor verdadeiro, consubstanciado no casamento.

Contemplando a realidade da sociedade portuguesa de Oitocentos e a domesticidade, em que é valorizada a centralidade e a sacralidade do matrimónio, os romances dinisianos configuram um novo subgénero literário – o romance matrimonial, que visa comprovar a eficácia social e económica dos valores burgueses, baseados na ideia de progresso decorrente de uma vida familiar estável e harmoniosa, que se repercute na sociedade.

Como tal, a sua obra integra o conjunto de “livros instrumentos”, conforme conceção registada pelo autor em “Ideias que me Ocorrem”, inscritas na compilação *Inéditos e Esparsos* (1910):

Há livros que são monumentos e livros que são instrumentos. Os primeiros levantam-se a perpetuar a memória de

uma literatura [...]. Os livros instrumentos são, pelo contrário, para andarem nas mãos de todos, para uso quotidiano, para educarem, civilizarem e doutrinarem as massas [...]. O livro instrumento precisa de ser popular, escrito na linguagem do dia, ao alcance das inteligências da época (Dinis, s/d, pp. 552-553).

Principia esta popularidade com a publicação dos romances em folhetim no *Jornal do Porto*, órgão de imprensa com grande difusão no século XIX entre as várias classes sociais, o que confere proximidade com os leitores, que se identificam com as personagens e com as suas experiências, que se reveem nos ambientes descritos e que reconhecem os acontecimentos do seu tempo.

Júlio Dinis torna-se, por conseguinte, o precursor do romance moderno em Portugal, cuja obra marca a transição entre o Romantismo e o Realismo, ao representar um sentimentalismo, isento de declamação lírica, substituída por um estilo sóbrio, aliado às suas capacidades de observação de ambientes e de tipos humanos, em que a ação se desenrola: “Júlio Dinis é quem, pela primeira vez, descrevendo interiores ou cenas ao ar livre, projecta ambientes portugueses que integram as personagens em flagrantes atmosferas sociais” (Saraiva & Lopes, 2005 [1955], p. 770).

4. O Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense

Como referido anteriormente, Júlio Dinis sofria de tuberculose e, na tentativa de obter melhorias para o seu estado de saúde, passa temporadas no campo, deslocando-se a diferentes locais do país, como, por exemplo, Ovar, onde, entre outras deslocações mais curtas, permanece entre maio e setembro de 1863, na casa da sua tia paterna Rosa Zagalo Gomes Coelho, que vivia no

Largo dos Campos.

É, pois, em Ovar, que o autor descobre os encantos da vida rural, cujo ambiente descreve na sua obra, tornando-se um escritor de espaços ao revelar uma preocupação com a veracidade das descrições das aldeias, dos ambientes e dos caracteres, inscritos nas suas narrativas. Por isso, refere:

A verdade parece-me ser o atributo essencial do romance bem compreendido [...]. O romance há-de agradar aos leitores, que a cada momento estarão vendo no livro reflexos de si próprios, dos seus pensamentos, de suas paixões e avivando memórias de passados episódios da sua vida. Este efeito, porém, não se consegue sem que a verdade de linguagem acompanhe a dos conceitos (Dinis, s/d, p. 544).

Assim, a permanência em meios rurais permite a Júlio Dinis conhecer melhor as gentes e os costumes campestres e populares, pelo que o escritor elege a “vida provinciana mais simples e franca, e mais favorável à paz da consciência” (Ramos, 1931, p. 9). A paisagem torna-se parte integrante da ação e das personagens, tiradas de pessoas com quem contactou, as quais, estando imbuídas de tanta naturalidade, muitas delas são ainda hoje familiares. É o caso da tia Doroteia de *A Morgadinha dos Canaviais*, personagem inspirada na sua tia, Rosa Zagalo Gomes Coelho, e da personagem João Semana de *As Pupilas do Senhor Reitor*, que é o retrato do cirurgião João José Silveira, médico municipal de Ovar, caracterizado como amigo dos pobres.

Face à correlação entre personagens, vivências e ambientes ficcionados e a vida real, verifica-se que Ovar passa a ser, privilegiadamente, o local de inspiração do autor, sendo nesta localidade que

concebe *As Pupilas do Senhor Reitor*¹ e esboça *A Morgadinha dos Canaviais*²:

Foram êsses meses passados em Ovar, em 1863, que iam mudar o destino do jovem médico e inspirar-lhe as obras que em breve o colocariam para além das fronteiras, onde iria ser lido e traduzido (Lima, 1940, p. 216).

Longe do frenesim dos espaços urbanos, Júlio Dinis aprende a gostar de Ovar, que se transforma em lugar perfeito para colher informações a transpor para o papel:

A vila não me parece de todo feia. Verdade é que eu fazia dela uma ideia tão desfavorável que pouco bastou para me satisfazer [...]. Eu, por minha vontade, passava o tempo debaixo de um laranjal que há na casa onde moro e no qual, desde pela manhã até à noite, canta um rouxinol (Dinis, s/d, p. 841).

E o autor continua:

Tenho notado que em Ovar os tipos não degeneraram ainda. Entre os males que traz a civilização consigo, um deles é, a meu ver, a deterioração dos tipos clássicos. No Porto já se não distingue facilmente um médico de um advogado [...]. Em Ovar não é assim. O médico é ainda aqui o antigo médico que se denuncia às primeiras palavras; o merceiro apresenta todos os caracteres próprios da espécie; o padre é o padre tipo; o doutor em direito [...] conserva ilesa a sua bacharelise (Dinis, s/d, pp. 846-847).

¹“Principiei a escrever as «Pupilas» em Ovar (1863) durante os meses de Julho e Agosto. Terminei-as no Porto em Setembro ou Outubro [...]. Publicou-se em volume em Outubro de 1867” (Dinis, s/d, p. 527).

²Uma das passagens deste romance consiste na chegada do correio, um acontecimento, que marca a vivência do autor, aquando da sua estadia em Ovar, e que reproduz para a narrativa: “Entre as poucas distrações que esta vila oferece aos seus visitantes, nenhuma tanto do meu gosto como a da chegada do correio. Todos os dias me levanto mais cedo para estar às nove horas na loja em que se distribuem as cartas” (Dinis, s/d, pp. 842-843).

Aliás, são, principalmente, as cartas, quase diárias, acerca da sua estadia em Ovar, que documentam o quotidiano de Júlio Dinis na casa da tia. As cartas à sobrinha Anitas, à prima e madrinha Rita e ao amigo Custódio Passos (irmão do poeta Soares de Passos [1826-1860]), contêm grande diversidade de detalhes sobre os costumes vareiros.

Embora se queixe da monotonia da planície e do calor intenso, Júlio Dinis rende-se, enfim, à docilidade do viver campesino, sendo que Ovar se torna um lugar importante para a sua evolução literária ao proporcionar-lhe a percepção de novas realidades, que servem de pretexto à criação de uma série de enredos, como acontece também no conto *O Canto da Sereia* (1863):

O diálogo, cujas últimas palavras acabámos de escrever, travara-se entre um grupo de pescadores da costa do

Furadouro [praia do concelho de Ovar] [...]. Era por uma tarde dos fins de Maio. A abóbada celeste tingira-se dessa sinistra cor plúmbea [...] e parecia abater-se cada vez mais sobre aquela extensa planície arenosa, limitada ao ocidente pelo mar e ao oriente pela longa cintura de pinheirais que protege, contra a invasão de assoladores turbilhões de areia, a populosa vila de Ovar (Dinis, s/d, p. 615).

Com o intuito de homenagear o escritor e perpetuar a sua passagem por Ovar³, realçando a importância que esse período teve na sua obra, a Câmara Municipal decidiu reabilitar a casa que acolheu Júlio Dinis, durante a sua permanência naquela localidade e que hoje abriga o Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense (Figura 1).



Figura 1 | Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense Fonte: https://www.bol.pt/Projecto/EntidadesAderentes/1649-museu_julio_dinis

Egas Moniz (1874-1955), Prémio Nobel da Medicina, em 1949, é um dos impulsionadores da preservação desta casa:

A lembrança visa apenas conseguir um atrativo turístico e sobretudo a que se faça justiça a quem tanto vale e

³Em 1966, é inaugurado, pelo Presidente da República, Américo Thomaz (1894-1987), um busto do autor

que, por uma feliz circunstância vinculou uma notável parte da sua vida productiva no campo das letras, à vila de Ovar (Moniz, 1939, p. 3).

Localizado no centro da cidade, na atual Rua Júlio Dinis, o museu abre as suas portas, em 1996, após a doação da família Bonifácio (herdeira da tia paterna de Júlio Dinis) à autarquia aquando da comemoração do 150º aniversário do nascimento do autor (1989).

De 1989 a 1996, é feita a recuperação e respetiva musealização do edifício, sendo que, em 2003, o museu é encerrado devido a problemas do edifício. Em 2012, o museu é reaberto ao público, após obras de requalificação e ampliação.

Classificada como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto 29/84 de 25 de junho (Diário da República, nº 145), a Casa dos Campos, como também é conhecida, apresenta a arquitetura típica vareira: com origens entre finais do século XVII e meados do século XVIII, trata-se de uma casa térrea, baixa e alva, de configuração alongada, com divisões pequenas, situadas ao longo de um corredor, que faz a ligação entre a rua e o quintal.

A entrada para o museu faz-se pela lateral, onde se introduziu, segundo o arquiteto responsável pelas obras de reabilitação, José Lopes da

Costa, “um painel informativo que acompanha o visitante desde a rua Júlio Dinis até à entrada da Casa Museu” (2015, p. 14), para contextualização do escritor, da obra e da época.

Na casa-museu, pode visitar-se o quarto (Figura 2), onde Júlio Dinis dormia e que pertencia à tia, que o cedeu ao sobrinho; a sala (Figura 3), com a secretária onde escrevia, olhando pela janela (Figura 4), virada para o Largo dos Campos onde observava, pormenorizadamente, as gentes de Ovar; a cozinha (Figura 5), onde procurava saber as histórias daquelas vidas para a construção das suas personagens e enredos:

Uma bem característica cozinha de aldeia com a sua farta lareira, espécie de saleta dentro da enorme chaminé [...] para amigavelmente abrigar, no seu bojo, toda a família da casa, os creados, os caseiros, os jornaleiros, os vizinhos [...]. Ahi, ávido de pittoresco, conversava Julio Diniz com os homens dos campos a respeito das cearas, das hortas, dos pomares, das vinhas e dos gados na franca linguagem de seus asperos plebeismos (Figueiredo, 1906, p. 97).



Figura 2 | Quarto

Fonte: <http://www.myownportugal.com/casas-de-escritores/>



Figura 3 | Sala

Fonte: <http://www.ovarnews.pt/semana-do-museu-julio-dinis-comeca-este-domingo/>



Figura 4 | Secretária / Janela

Fonte: <https://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/os-seroes-na-provincia-foram-a-beiramar-26896044>



Figura 5 | Cozinha Fonte: <http://www.myownportugal.com/casas-de-escritores/>

Tal como refere o diretor da casa-museu, “a sala ostenta riqueza decorativa nas paredes pintadas, mas a cozinha é o espaço de maior dimensão e a alma da casa” (França, 2015, p. 7).

De facto, estas duas divisões mostram-se particularmente relevantes, ao possibilitarem a que o

autor, por um lado, tome contacto, no pátio contíguo à cozinha⁴ (Figura 6), com os trabalhadores ao serviço da Casa dos Campos, ouvindo os seus relatos aos donos da casa sobre o dia de trabalho e, por outro, possa escrever, sossegadamente e com privacidade, na sala, reservada às visitas da casa:

⁴Antero de Figueiredo (1866-1953), numa visita que faz à casa, fala com uma prima do escritor que lhe refere o seguinte: “– Na cozinha havia uma porta alpendrada que dava para o eido [...]. Faziam-se aqui as esfolhadas que elle descreveu. Estou a vê-lo [...], a debulhar feijões e a rir com o José Travanca – homem mais alegre!... [caseiro da tia] –, que dizem ser o José das Dornas das «Pupilas»” (Figueiredo, 1906, p. 97).



Figura 6 | Espaço exterior Fonte:

<http://atelier-jalc.tumblr.com/post/134326424562/lan%C3%A7amento-do-livro-casa-museu-j%C3%BAlio-dinis-5%C2%AA>

Todos os dias, depois do jantar, me conservo meia hora pelo menos conversando com a santa gente em casa de quem estou hospedado, interrogando-a sobre costumes da terra, crenças e factos sucedidos (Dinis, s/d, p. 844).

Para além destas dependências, a casa-museu possui também uma receção / loja, tendo sido acrescentado, à casa primitiva, um espaço para exposições temporárias, conferências, projecção de filmes, representação de peças de teatro, entre outras valências.

A casa dispõe ainda de oficinas lúdico-pedagógicas e de uma biblioteca dinisiana, que reúne

um valioso fundo, dos mais completos que existem a nível nacional, o qual, por um lado, dá a conhecer todos os títulos que publicou, em inúmeras edições – algumas de grande valor histórico e patrimonial – e, por outro, diversos estudos sobre a sua vida e obra, enquadrando plenamente o séc. XIX (França, 2015, p. 9),

estando subjacentes as três funções primordiais das casas-museu: a comunicação / educação, a conservação e a pesquisa / documentação.

De salientar que a casa-museu preserva o carácter do edifício, ao conservar as suas origens, criando, simultaneamente, condições concordantes com os hábitos atuais, ao corresponder às expectativas da sociedade, numa inter-relação entre tradição e modernidade.

Conforme nota justificativa, constante no regulamento do Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense, a Câmara Municipal de Ovar

criou e mantém em funcionamento o *Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense*, com o objetivo primordial de valorizar o tempo e o percurso de vida de Júlio Dinis em Ovar, com destaque para a preservação da casa oitocentista onde residiu e o seu acervo e para a influência que a estadia em Ovar representou na sua obra literária, bem como de salvaguardar e divulgar a herança cultural e literária da comunidade vareira, principalmente referente ao séc. XIX (Câmara Municipal de

Ovar, 2013, p. 1).

O acervo da casa é constituído por algum recheio original e por objetos cedidos pelo Museu de Ovar, doados por particulares ou adquiridos pela Câmara Municipal, relativos à etnografia vareira, incluindo, igualmente, espólio pessoal do escritor, como o tinteiro ou a fotografia de quando se graduou, uma gramática e livros de medicina.

5. Conclusões

Hoje em dia, a cultura é um bem muito procurado, que promove as potencialidades turísticas,

assistindo-se, cada vez mais, à diversificação dos interesses do turista numa procura de novas experiências e informações para satisfazer as suas necessidades culturais (Almeida & Oliveira, 2013, p. 208).

Deste modo, a literatura constitui-se vertente do turismo, dando origem ao novo conceito de turismo literário, que implica a visita a lugares ou espaços relacionados com a produção literária e os seus autores.

Assim, aos turistas, que procuram um cunho literário nas suas viagens, é permitida a exploração da vida e obra dos autores, através da visita às suas casas, como lugares-chave de vivência e de inspiração, pelo que se torna viável a aposta na exploração desta modalidade como forma de revitalização de identidades culturais e da memória coletiva, assim como de dinamização turística⁵.

Tal promoção turístico-literária sucede com o Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense, que reúne um amplo espólio, de acentuado significado

histórico e literário, ao aliar a vida e a obra de Júlio Dinis e respetiva passagem por Ovar com a preservação do modo de vida vareiro.

Descobrimo o seu espaço íntimo e criativo, a casa surge como forma de manter o escritor vivo, como refúgio por onde se pode viajar e descobrir ou redescobrir lugares e espaços inspiradores, relacionando sensibilidades estéticas e culturais, numa simbiose que conduz ao estreitamento das relações entre o leitor, o autor e o país real.

Efetivamente, os museus deixaram, hoje, de ser espaços passivos, onde apenas se expõem objetos, para assumirem um papel importante na interpretação da cultura e na educação do indivíduo, funcionando como polos turísticos e como elementos estruturais, que contribuem para a renovação dos centros históricos das localidades⁶.

Ovar marca, indiscutivelmente, a vida e a evolução literária de Júlio Dinis, proporcionando-lhe o contacto com as gentes e os costumes daquela região, sendo que e, tal como refere Jaime Cortesão (1884-1960), “a terra faz o homem ou [...] contribui para moldar lhe a alma e o caráter” (Cortesão, 1995, p. 160).

Em Ovar,

ouvira [Júlio Dinis] contar casos sucedidos na terra, e conhecera costumes, crenças, conceitos e maxims de que depois se serviu nos romances. Aqui teve à mão o medico de aldeia, o boticario doutoraco, o fatuo tendeiro, o padre, o bacharel nos typos tradicionais que estimava encontrar e que não via no Porto (Figueiredo, 1906, p. 92).

Mais de século e meio depois, pode descobrir-se a casa onde Júlio Dinis habitou durante alguns meses e que funciona como elo de ligação entre o

⁵Desta interdisciplinaridade, destacam-se “novos ângulos de observação, análise e interpretação, que enriquecem, não só o conhecimento, como constroem novos objetos de conhecimento nascidos na fronteira da ficção literária e da realidade” (Quinteiro, Baleiro & Santos, 2016, p. 8).

⁶“A atividade turística contribui para o revigoramento do património cultural que, quando bem apropriado, reintegra a comunidade local ao meio onde vive sem alterar o sentido e o significado do espaço” (Bispo, 2014, p. 133).

⁷“O nosso país tem uma riqueza muito grande em termos de recursos naturais, de património histórico e de identidade cultural e estes são elementos decisivos não só para uma política de turismo, mas, também, e em resultado disso mesmo,

concelho / o país⁷ e o literato. Simultaneamente biográfica e etnográfica, a casa-museu Júlio Dinis permite, assim, aos visitantes recuarem e reviverem um tempo passado, imortalizando um dos escritores da literatura portuguesa do século XIX.

Estando a casa “no centro do mundo, [como] imagem do universo [...], [que significa] o ser interior” (Chevalier & Gheerbrant, 1982, pp. 165-166), no Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense, respira-se o ambiente em que o escritor viveu, constituindo-se o mesmo como o seu espaço de liberdade e de criação.

Guardiãs de memórias e testemunhos vivos do passado, as casas-museu são universos construídos ou moldados pelos escritores, que se projetam e interiorizam nelas e através delas:

A casa em que um homem vive é um prolongamento deste. Descrevê-la é descrever o seu ocupante [...]. O ambiente pode ser a expressão de uma vontade humana (Wellek & Warren, 1962, p. 279).

Num encontro com os autores, são estas casas, vinculadas à sua biografia, que nos encantam com palavras e que perduram no tempo como lugares de intimidade, de escrita e de inspiração, promovendo a criação de uma relação próxima e profícuca entre turismo e literatura: “Ler é uma viagem, mas também se pode viajar para conhecer quem escreve” (Santos, 2012, p. 49).

Referências

- Almeida, M. & Oliveira, L. (2013). (Re)visitar a Nazaré através do Mar Santo de Branquinho da Fonseca: Contributo para a renovação do turismo literário. In M. Santos, F. Serra, J. Santos & P. Águas, *Desenvolvimento e planeamento em turismo* (pp. 207-223). Faro: Universidade do Algarve, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo.
- Alvarenga, K. (s/d). Prólogo. In J. Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Vol. I, pp. V-XXVIII). Porto: Lello & Irmão para o desenvolvimento sustentável de uma actividade económica cada vez mais importante no nosso país” (Neto, 2002, p. 14).
- Editores.
- Bispo, L. (2014). Em busca do turismo com as cores do lugar: A educação patrimonial como instrumento de apropriação para o turismo de base local. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 21/22, 129-140.
- Butler, R. (2000). Literary tourism. In J. Jafari, *Encyclopedia of tourism* (p. 360). London: Routledge.
- Câmara Municipal de Ovar (2013). Regulamento do Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense. Ovar: Câmara Municipal de Ovar.
- Carvalho, I. & Baptista, M. M. (2015). Perspetivas sobre o turismo literário em Portugal. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 24, 55-68.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1982). *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Cortesão, J. (1995). *Portugal: a terra e o homem*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Costa, J. L. (2015). Museu Júlio Dinis. In J. L. Costa, *Casa Museu Júlio Dinis* (pp. 13-15). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Dinis, J. (s/d). Inéditos e Esparsos. In J. Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Vol. II, pp. 521-905). Porto: Lello & Irmão Editores.
- Figueiredo, A. (1906). Júlio Diniz em Ovar. *Serões*, 8, 87-99.
- França, A. (2015). Júlio Dinis e a Casa de Ovar. In J. L. Costa, *Casa Museu Júlio Dinis* (pp. 5-9). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Guimarães, P. & Paz, L. (2014). Os arquivos das casas-museu em Portugal: Um diagnóstico preliminar. *CADERNOS BAD*, 1, 79-101.
- Lima, A. (1940). Júlio Diniz. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 213-221.
- Moniz, E. (16 de novembro de 1939). Júlio Diniz e Ovar. *O Povo de Ovar*, 546, 1, 3.
- Neto, V. (2002). *Património e turismo, desenvolvimento e turismo* (pp. 13-15). Lisboa: Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo.
- Quinteiro, S., Baleiro, R. & Santos, I. (2016). *Literatura e turismo: Viagens, relatos e itinerários* (pp. 7-8). Faro: Universidade do Algarve.

- Ramos, F. (1931). O gosto pela vida simples na literatura portuguesa do século XIX. *Nação Portuguesa*, VI(VII), Vol. II, 5-18.
- Santos, L. (30 de agosto de 2012). Conhecer escritores pelas suas casas. *Verão: Suplemento do Diário de Notícias*, 49.
- Saraiva, A. J. & Lopes, Ó. (2005 [1955]). *it História da literatura portuguesa*. (17ª edição). Porto: Porto Editora.
- Silva, E. (2000). Património e identidade: Os desafios do turismo cultural. *Antropológicas*, 4, 217-224.
- Wellek, R. & Warren, A. (1962). *Teoria da literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América.